

## RETOMADA DAS AULAS PRESENCIAIS NAS ESCOLAS

*Texto referente à apresentação da “live” da Câmara Técnica de Pediatria do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo e da Sociedade de Pediatria de São Paulo, realizada em 31/08/2020*

**Relatores: Fausto Flor Carvalho, Marcelo Otsuka, Mario Roberto Hirschheimer e Renata Dejtiar Waksman.**

Apesar do número de casos e mortes que temos enfrentado pelo novo coronavírus, não só no Brasil, mas no mundo, crianças são significativamente menos suscetíveis à Covid-19, representando 2% dos casos globalmente, embora representem 24% da população mundial.

Mesmo entendendo que as crianças e adolescentes possam sim ficar doentes, inclusive com a síndrome inflamatória multissistêmica pediátrica (SIM-P, potencialmente associada à Covid-19), que tem sido amplamente discutida nos meios médicos, a Covid-19 é menos agressiva do que a gripe causada pelo vírus Influenza (até o dia 08 de agosto de 2020, os Estados Unidos da América do Norte apresentavam 2,2 vezes menos óbitos por Covid-19 comparado à mortalidade devida à gripe por Influenza e o risco não é diferente quando comparada ao Vírus Sincicial Respiratório.

Cabe entendermos que o desenvolvimento social, neurológico, físico e o aprendizado estão sendo prejudicados com o não retorno às aulas. Ao se sobrepor tal prejuízo aos riscos da doença, será que há justificativas para as escolas continuarem fechadas?

Crianças e adolescentes brasileiros têm o direito a cuidados qualificados e eficazes assegurado pela Constituição Federal, sendo dever do Estado e da Sociedade prover mecanismos para que os recursos a eles direcionados sejam otimizados em seu benefício.

O neurodesenvolvimento do ser humano é um processo complexo que envolve a interação entre aspectos neurobiológicos e o contexto ambiental. Por isso é importante um ambiente apropriado para que crianças e adolescentes possam alcançar o máximo do seu potencial de crescimento e desenvolvimento. No entanto, na situação atual de isolamento social, a questão ambiental está fragilizada e as oportunidades perdidas estão ocorrendo durante o processo de neuroplasticidade – próprio da infância e juventude – responsável pela aquisição de funções neurológicas cada vez mais complexas.

Os seres humanos aprendem se relacionando com seu entorno. Ainda que a escola não seja o único espaço de cuidado e aprendizagem, nela estão os processos sistematizados que pretendem impulsionar a aquisição de conhecimentos, promovem a oportunidade de encontros com os pares, pessoas de idades e momentos cognitivos aproximados, a socialização, o exercício de convívio no coletivo, que complementam e são consequência da frequência à escola.

Importante salientar que as crianças são relevantes multiplicadores de informações, auxiliando de forma significativa a implantação e adequação de bons hábitos familiares.

### **O que vem acontecendo nos últimos meses?**

Crianças e adolescentes geralmente passam boa parte dos seus dias com atividades na escola e, de repente, se veem privadas dela, das pessoas e dos serviços de apoio.

O isolamento social na pandemia aumentou o convívio em casa, diminuindo as possibilidades de suporte comunitário, parcerias com creches e escolas no cuidado com as crianças e adolescentes. As preocupações dos adultos com a garantia da subsistência, com as perdas financeiras, aliadas ao aumento do consumo de álcool e outras substâncias psicoativas podem contribuir com a violência intrafamiliar, entendida como moral, física, sexual, ou mesmo falta de

cuidado (negligência, privação ou abandono). Parcerias intersetoriais (saúde da família, serviço social e escola) foram interrompidas, que poderiam cuidar ativamente de crianças em situação de maior risco, com histórico de violência intrafamiliar.

A partir de estudos em outras situações de isolamento social, como observadas em epidemias que advieram anteriormente, é possível afirmar que experiências adversas na infância são fatores de risco para o desenvolvimento ou agravamento de doenças mentais ao longo da vida. O isolamento social e a solidão aumentaram os riscos de depressão e ansiedade no período em que a solidão foi avaliada (entre 4 meses e 9 anos). A duração da solidão foi mais fortemente correlacionada com os sintomas de comprometimento da saúde mental do que sua intensidade. Foram encontradas associações entre isolamento/solidão e ideação suicida, automutilação e comportamentos alimentares desordenados.

Evidências indicam que estas situações podem comprometer a segurança alimentar, além de aumentar a taxa de gravidez em adolescentes, o número de abusos e maus tratos, o uso de drogas e a violência doméstica. Observou-se um aumento expressivo do consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes.

A utilização excessiva de dispositivos de tela (celulares, tablets, computadores etc.) também gera preocupação. Além de afetar o desenvolvimento neuropsíquico, o hábito prejudica o sono, a alimentação, a audição, causa dores musculares, disfunções na visão, aumenta a incidência de obesidade (devida ao tempo parado) e dificuldade de socialização (gerando retrocessos significativos em alguns casos). Soma-se a isso o aumento e intensificação de crises de ansiedade e pânico quando da interrupção da rede ou falta de sinal da internet.

Crianças em situação de vulnerabilidade têm menos acesso à educação a distância de qualidade e sofrem mais com o fechamento de escolas. Mulheres tem um comprometimento significativamente maior da atividade profissional, considerando-se, ainda, que as famílias brasileiras monoparentais são de predomínio matriarcal, o que contribui com as já enormes desigualdades sociais e de gênero no Brasil.

A manutenção do fechamento das escolas pode agravar a recessão econômica, com prejuízos correspondentes a até 1% do PIB.

Países com boas notas no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) abriram as escolas antes ou simultaneamente ao comércio.

A pandemia da Covid-19 traz questões relacionadas tanto ao incerto (porque não há tratamento e, por enquanto, uma vacina para a doença), como à mudança de rotina das famílias, alterando todo o contexto do lar e da postura dos pais diante da criança, podendo colocá-las em risco. O isolamento social exagerado e contínuo pode fazer mal, ao elevar o estresse a um nível tóxico, que a criança ainda não consegue suportar, prejudicando o neurodesenvolvimento. A violência doméstica física e verbal e outras atitudes, como falta de atenção, de carinho e cobranças excessivas, podem agravar o quadro.

Ressaltamos que tudo isto não pode ser generalizado. Em algumas famílias a quarentena pode estar reforçando laços e vínculos familiares. Dependendo de como estão administrando a situação: estabelecendo uma rotina onde todos colaboram, disponibilizando tempo para estarem juntos, fazendo refeições em família, conversando mais e os pais terem oportunidades de participar de forma positiva na educação e atividades de seus filhos.

## **Retomada**

A ONU recomenda retorno gradual, começando em áreas com menores taxas de transmissão e menores riscos localizados. Além disso, sugere que os países desenvolvam um modelo de decisão para fechar e reabrir escolas de acordo com a necessidade.

Algumas ações parecem ser consenso: análise dos contextos regionais e necessidade de volta gradual e escalonada. Inicialmente é recomendada a abertura da escola limitada a alguns dias da semana e a determinadas séries escolares ou níveis de ensino.

Outro fator fundamental é a capacidade do sistema de saúde como organização e disponibilidade de serviços médicos, equipes médicas e de leitos de enfermaria e de UTI para as crianças, adolescentes e funcionários das instituições de ensino.

### **Há muitas questões que se fazem constantes, entre elas:**

- Os professores estão preparados para a retomada das aulas presenciais? Foram treinados e capacitados para conviver com os alunos nas salas de aula e para dar continuidade ao ensino à distância se for necessário novo isolamento social temporário?
- Para os pais que precisam sair para trabalhar, com quem deixar os filhos fora do período escolar – o que será mais danoso: voltar para a escola ou ficar aglomerados em creches improvisadas?
- Reproduzir as restrições de contato social dentro da escola vai impactar no estado emocional dos alunos?
- Como acolher educadores e alunos que retornam de uma situação de estresse, perdas familiares, de distanciamento social?
- Como será adequado o calendário letivo de 2020 para complementar as 800 horas de aula por ano escolar devidas? Como organizar o currículo num ano letivo atípico?
- Como mensurar o grau de prejuízo gerado aos alunos que serão formados de forma compulsória, e não por conhecimento adquirido? Lesará uma geração? Aumentará o número de analfabetos funcionais, já alto no país?
- Quanto aumentará índice de evasão escolar?
- Qual foi o impacto do isolamento social prolongado nas crianças e adolescentes?
  - Com que intensidade o desenvolvimento e a saúde mental em longo prazo serão afetados pelo distanciamento físico, redução da interação social e aumento do uso de meios digitais de conexão?
  - Quais as consequências do distanciamento físico e outros estressores, como pressões econômicas, incertezas e perda de eventos públicos, experimentados pelos adolescentes poderão marcar este importante estágio da vida?

### **Considerações importantes**

- Vários meses de isolamento físico representam uma grande proporção da vida de crianças e adolescentes durante um período sensível de seu desenvolvimento;
- O isolamento físico de crianças e adolescentes deve ser levado em consideração pelos formuladores de políticas públicas e a abertura de escolas e outros ambientes sociais deve ser uma preocupação importante, desde que medidas de prevenção possam ser concretizadas;
- Vigilância em segurança não pode ser esquecida, com monitoração de acidentes que podem ocorrer no período escolar, como, por exemplo, borrifamento de álcool em gel do dispenser nos olhos de crianças pequenas (observar a altura da fixação);
- A maioria dos países europeus estava no final do ano letivo quando acometidos pela pandemia, enquanto em nosso país as aulas presenciais foram interrompidas no início do ano letivo;
- Por afetar de forma diferente famílias de alunos de escolas públicas e particulares, a desigualdade social é agravada pela desigualdade de acesso à tecnologia, o que compromete

ainda mais as condições de aprendizagem para as populações mais vulneráveis (moradores de periferia, de zona rural etc.);

- Risco de desnutrição de uma parcela da população estudantil, pois a alimentação escolar é para muitos a principal refeição, mais equilibrada em termos nutricionais;
- Risco aumentado de evasão escolar em áreas socialmente vulneráveis – quanto mais tempo uma criança ou adolescente passa fora da escola, maior a probabilidade de não voltar.
- Nível de compreensão do ensino realizado a distância. Especialmente para os menores, o processo ensino/aprendizagem é caracterizado pelo afeto entre professor e aluno, processo esse prejudicado pelo isolamento social.

Há, ainda, a questão de como crianças e adolescentes enfrentam os problemas econômicos atuais de suas famílias, como desemprego, diminuição de renda, filhos matriculados em escolas particulares, com a discussão em torno da redução do valor das mensalidades e a inadimplência, que virou realidade.

### **Cuidados prévios para retorno às aulas presenciais incluem:**

- Capacitação da equipe educacional, desde o professor até serviços de suporte, como limpeza e nutrição, implantação das práticas de higiene e de distanciamento físico;
- Adequação das escolas quanto às medidas de distanciamento, barreiras, higiene, uso de máscaras, provimento de insumos, materiais adequados e sinalização dos fluxos para manter as medidas de proteção necessárias;
- Adoção e divulgação da política de testagem para profissionais e alunos e buscar a integração de escolas e serviços de saúde para o devido monitoramento de casos suspeitos e contatantes.
- Isolamento dos casos cujos sintomas suspeitos apareçam durante o período que estão na instituição de ensino em área ou sala reservada;
- Acompanhamento dos alunos que faltarem às aulas presenciais;
- Informações adequadas, objetivas e de fácil compreensão com a finalidade de esclarecer e conscientizar os pais e familiares quanto aos benefícios e riscos do retorno às aulas;
- Conscientização dos alunos de que o retorno às aulas será em uma “nova escola”, diferente daquela que estavam acostumados;
- Atenção ao comportamento das crianças e procurar resgatar aqueles com algum comprometimento emocional;
- Cuidados com os contatantes dessas crianças e adolescentes, sendo necessário contextualizar todas as situações de risco, para que as famílias possam entender e aplicar os e minimizando as possibilidades de contágio;
- Organização do tempo e do espaço pedagógico, com novas rotinas a serem criadas: horários de entrada, intervalo e saída diferentes entre as turmas, organização da sala de aula, distribuição da alimentação escolar e restrição ao uso de instalações e equipamentos coletivos, como refeitórios e brinquedos;
- Atualização das vacinas de alunos, professores e outros profissionais que interagem na escola;
- Procurar trazer os alunos para uma maior homogeneidade de conhecimento, sem querer cumprir apressadamente o currículo previsto para 2020;
- Adoção de um modelo híbrido, que combina a educação a distância com o ensino presencial, pode ser útil por dar conta em horários parciais e adaptados, para que as escolas estejam

preparadas para possíveis fechamentos e para atender alunos com doenças que impeçam sua volta imediata (portadores de doenças crônicas debilitantes e pertencentes aos grupos de risco);

- Preparação para o ano letivo de 2021 (e até mesmo 2022), contemplando o espaçamento das turmas, o ensino híbrido, além de aproveitar esta grande oportunidade para ouvir as equipes escolares, os alunos e seus pais. É o momento para se pensar o que se ensina e não apenas como se ensina.

Para finalizar, os autores deste texto entendem como positivo o retorno às atividades escolares tão cedo quanto possível, desde que tomadas as devidas precauções por todos os envolvidos – famílias e instituições de ensino.

## Bibliografia consultada e recomendada

1. American Academy of Pediatrics. COVID-19 Planning Considerations: Guidance for School Re-entry. Critical Updates on COVID-19 / Clinical Guidance. Disponível em: <https://services.aap.org/en/pages/2019-novel-coronavirus-covid-19-infections/clinical-guidance/covid-19-planning-considerations-return-to-in-person-education-in-schools/>
2. Amitrano C, de Magalhães LCG, Silva MS. Medidas de enfrentamento dos efeitos econômicos da pandemia COVID-19: panorama internacional e análise dos casos dos Estados Unidos, do Reino Unido e da Espanha. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, maio de 2020. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9978/1/td\\_2559.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9978/1/td_2559.pdf)
3. Associação Paulista de Medicina – Webinar APM: Volta à Escola. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I5Qc3okITss>
4. Bruno Neto R. Neuropsicologia: o desenvolvimento da consciência, aprendizagem e transtornos. Disponível em: [file:///C:/Users/HP/Downloads/NEUROPSICOLOGIA\\_o\\_developmento\\_da\\_con%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/HP/Downloads/NEUROPSICOLOGIA_o_developmento_da_con%20(2).pdf)
5. Carvalho FF. Volta às aulas: orientações práticas para a vida escolar no “novo normal”. Pediatra Orienta. Blog da Sociedade de Pediatria de São Paulo. Publicado em 01 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.pediatraorienta.org.br/volta-as-aulas-orientacoes-praticas-para-a-vida-escolar-no-novo-normal/>
6. Coalizão Global de Educação da Organização das Nações Unidas; Como as escolas podem abrir novamente com segurança? ONU publica novas diretrizes. Publicado em 30/04/2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/como-as-escolas-podem-abrir-novamente-com-seguranca-onu-publica-novas-diretrizes/>
7. Giedd J. Inside the Teenage Brain. Full interview. Disponível em: <http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/teenbrain/interviews/giedd.html>
8. Governo do Estado de São Paulo – Secretaria da Educação. Plano de Retorno da Educação. Disponível em: [https://saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Apresentacao\\_plano-retorno-educacao.pdf](https://saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Apresentacao_plano-retorno-educacao.pdf)
9. Governo do Reino Unido (GOV.UK) – Departamento de Educação. Education and childcare during coronavirus. Guidance for full opening: schools. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/publications/actions-for-schools-during-the-coronavirus-outbreak/guidance-for-full-opening-schools>
10. Hennemann AL. Neurociências em benefício da educação! Plasticidade Cerebral e Podas Neurônais (Apoptose). Disponível em: <https://neuropsicopedagogianasaladeaula.blogspot.com/2012/10/plasticidade-cerebral-e-podas-neuronais.html>
11. Oficina de Educação e Cultura da Organização dos Estados Americanos. Primeira Infância: Um olhar desde a Neuroeducação. 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/17302252-Primeira-infancia-um-olhar-desde-a-neuroeducacao.html>
12. Orben, A, Tomova L, Blakemore S-J. The effects of social deprivation on adolescent development and mental health. The Lancet Child & Adolescent Health. 2020;4(8): 634-40. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352464220301863>
13. Pereira IDF, Corbo AD, de Paula TSG, Mendonça FCR, Valle S. Manual sobre biossegurança para reabertura de escolas no contexto da COVID-19. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz). Disponível em: [http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/manual\\_reabertura.pdf](http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/manual_reabertura.pdf)

14. Polanczyk G. Isolamento social é fator de risco para a saúde mental das crianças. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/isolamento-social-e-fator-de-risco-para-a-saude-mental-das-criancas/>
15. Sociedade Brasileira de Pediatria - Departamento Científico de Medicina da Dor e Cuidados Paliativos e Departamento Científico de Bioética. COVID-19 e as Nossas Vidas - Pandemia, Cuidados e Crise Humanitária Cuidados Paliativos e Reflexões Bioéticas. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/22678b-NA\\_-\\_Covid\\_e\\_Nossas\\_Vidas\\_-\\_Cuidados\\_Paliativos.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22678b-NA_-_Covid_e_Nossas_Vidas_-_Cuidados_Paliativos.pdf)
16. Sociedade Brasileira de Pediatria – Departamentos Científicos de Imunização e Infectologia. COVID-19 e a volta às aulas. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/22516b-NA\\_-\\_COVID-19\\_e\\_a\\_Volta\\_as\\_Aulas.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22516b-NA_-_COVID-19_e_a_Volta_as_Aulas.pdf)
17. Vygotsky L. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes: 2008.
18. Waksman RD, Carvalho FF. Retomada segura das escolas. Pediatra Orienta. Blog da Sociedade de Pediatria de São Paulo. Publicado em 24 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.pediatraorienta.org.br/retomada-segura-das-escolas/>
19. Weinberger DR, Elvevåg B, Giedd JN. The Adolescent Brain: a work in progress. National Institute of Mental Health (2005). Disponível em: [https://pdfs.semanticscholar.org/dfa0/64f8ae36b082f4b46c62cc87497359fc8b43.pdf?\\_ga=2.173006563.1993242881.1599143446-1182688499.1599143446](https://pdfs.semanticscholar.org/dfa0/64f8ae36b082f4b46c62cc87497359fc8b43.pdf?_ga=2.173006563.1993242881.1599143446-1182688499.1599143446)